

Falta de infra-estrutura prejudica Praia da Costa

Fátima Côgo

Um dos mais quentes dos últimos tempos, este verão veio encontrar as praias capixabas mais uma vez despreparadas para acolher os seus milhares de frequentadores. Considerada o cartão postal de Vila Velha, a Praia da Costa não é uma exceção e sobrevive pelos seus próprios encantos naturais. Agredida pela deficiente infra-estrutura, espelha problemas primários como a falta de coleta diária do lixo, de policiamento e de serviços salva-vidas e a existência, há anos, de um esgoto doméstico lançado ao mar nas proximidades do clube Libanês. Problemas que sempre tiram a tranquilidade do ainda gratuito lazer de um banho de mar.

Sempre que se levantam as deficiências dos balneários do Estado, pouco explorados turisticamente pelos governos e, portanto, deixando de representar fonte alternativa de divisas, os administradores reagem e apresentam planos para resolver a situação. Carlos Malta, prefeito de Vila Velha, diz que vai transformar a praia em um verdadeiro ponto de atração e acabar com os problemas gradativamente.

Coleta deficiente

Por toda a extensão da Praia mas, principalmente, nos canteiros da avenida Antônio Gil Veloso em frente às barracas, os latões cheios de lixo se enfileiram por dias seguidos provocando a proliferação de insetos. Ratos, baratas e moscas têm destino certo: as barracas e residências mais próximas à avenida. Nas areias, as vassouras raramente passam e também é comum as cascas de côco, papéis, embalagens diversas e o lixo de muitas barracas ficarem espalhados durante dias.

O secretário dos Serviços Urbanos, Farid Assad Farad, não aceita a constatação e diz que a coleta acontece todos os dias de "sete às 17 horas e a varrição na areia, é feita sempre depois do meio-dia". Difícil de acreditar. Mas ele promete que "a situação vai melhorar, que os serviços vão funcionar" e anuncia que já nesta semana 20 novos garis vão se juntar a outros 15 já trabalhando na praia nos serviços de limpeza.



Foto de Gildo Loyola

Milhares de turistas são atraídos pelos encantos naturais da praia da Costa

Salve-se quem puder porque se a "maré não estiver para peixe", os afoitos que se aventuram a umas braçadas mais mar adentro vão passar por maus pedaços. Depois de quase um mês do verão oficial, os salva-vidas ainda não apareceram na praia. Os banhistas reclamam e a prefeitura volta a falar dos planos. O secretário da Saúde, Jorge Manta, diz que os serviços salva-vidas começam nos próximos dias e, para tanto, ele vai buscar apoio junto ao Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Marinha e 38º BI, já que a prefeitura não dispõe de profissionais adequados para este tipo de trabalho.

Mas os planos vão além. Ainda de acordo com o secretário, "também nos próximos dias", uma ambulância vai ficar diariamente na Praia da Costa para transportar aos hospitais de Vila Velha, os banhistas que necessitam de socorro em casos de afogamento, insolação e desidratação.

Bem em frente ao clube Libanês, um velho esgoto a céu aberto se arrasta pela areia e cai no mar. Frequentadores desavisados ou desligados costumam se banhar praticamente dentro dele, mas esta novela deverá ter um desfecho. Desta vez, a garantia vem da Cesan, através do superintendente de Expansão, Esmael Barbosa de Almeida, ora respondendo pela Diretoria de Produção. No final da semana passada ele esteve no local avaliando as mudanças a serem feitas e informou que o esgoto vai sair da praia dentro de uma semana, no máximo.

Enfrentar ônibus cheios já não é lá muito agradável. Imagine, então, enfrentar dois ônibus lotados com os frequentadores da Praia da Costa de outros municípios ou mesmo bairros vila-velhenses e que voltam para casa cheios de sal. Não existem chuveiros mas não seria difícil instalá-los, segundo o superintendente da Cesan.

Barraquinhas, um velho desafio

Em meio a tantas, uma velha situação desafia o tempo e as administrações vila-velhenses: a proliferação das barracas instaladas ao longo da avenida Antônio Gil Veloso e, hoje, alvo da especulação. Alguns dos barraqueiros que estão lá não têm naquele comércio a sua forma de subsistência exclusiva e são comuns as "transferências de propriedade" que podem chegar aos Cz\$ 50 mil ou a cobrança de aluguéis, a Cz\$ 1 mil mensais.

A Capitania dos Portos reconhece a ilegalidade das construções, o que contraria o artigo 320 do Regulamento dos Portos Marítimos que não permite a privatização de áreas consideradas públicas como as praias. Mas prefere que qualquer iniciativa de retirada das barracas parta da própria prefeitura, segundo o relações públicas da Capitania, tenente Rodovaldo Araújo de Lemos, "para não ferir a autonomia do município".

Permissão

A ocupação, iniciada há mais de dez anos, teve à época, apoio do Detran que liberou a licença para funcionamento dos trailers. Pouco a pouco os trailers perderam as rodas e foram sendo substituídos pelas barracas que, através de suas puxadas, avançaram pelas areias e transformaram a praia, praticamente, num loteamento. Um levantamento fornecido pela prefeitura mostra que hoje existem 170 barracas instaladas e ela própria avaliza a irregularidade, através da cobrança de uma taxa de Cz\$ 15,00 a título de "ocupação de Área ou Receitas de Feiras, Mercados, etc", conforme consta no recibo dado aos barraqueiros. O secretário dos Serviços Urbanos, Farid Assad Farad, justifica a cobrança como necessária, vez que a prefeitura assiste aos barraqueiros fazendo a "coleta diária do lixo" um serviço pelo qual eles devem ressarcir o município.

As condições de higiene das barracas espantariam qualquer freguês mais atento e exigente. Poucas possuem pias sanitárias e, assim, as águas dos depósitos ou bacias servem para suces-

sivas lavagens de vasilhames usados. Os alimentos, na maior parte das vezes, ficam expostos às moscas que, aliás, formam verdadeiros exércitos. Os próprios barraqueiros improvisaram "redes sanitárias" que desembocam poucos metros atrás das barracas levando restos de alimentos que se deterioram e atraem insetos.

O secretário da Saúde, Jorge Manta, reconhece todos os problemas causados pela falta de atendimento às normas de higiene e diz que vai "acabar com a situação" através de um serviço de fiscalização, cumprindo várias etapas. "Queremos ver realmente como os copos e vasilhas estão sendo lavados, vamos pegar amostras da água e pedir análise à Secretaria da Saúde Estadual para ver se está contaminada, averiguar se o lixo está sendo armazenado para recolhimento e exigir que os alimentos fiquem acondicionados em estufas. Primeiro vamos fazer uma vistoria e, depois, passar a autuação".

Esperando atitudes

Quem vive pela praia e frequenta as barracas, sabe dos problemas, mas prefere que elas continuem lá. O que querem é uma ação mais efetiva da prefeitura no sentido de organizar o funcionamento e exigir melhores condições de higiene. Valter Lopes Cabral mora na Praia da Costa e diz que as barracas fazem parte da paisagem, são pontos de atração turística mas gostaria que elas cumprissem o mínimo de higiene. A turista mineira Mônica de Castro defende uma organização que passe pelo cumprimento da coleta do lixo, da instalação de sanitários e, pela urbanização completa da praia.

Os barraqueiros também reconhecem as deficiências e explicam que gostariam que a situação fosse diferente. Gledimar de Souza Barbosa, da "Princesa do Mar", quer mesmo que a Secretaria da Saúde fiscalize as barracas para avaliar as normas de higiene e José Lucas, da "Fofinho Voltou" acha que é preciso se exigir maior responsabilidade dos barraqueiros na limpeza das barracas e recolhimento do lixo.